

**LEILA TEIXEIRA DA ROSA**

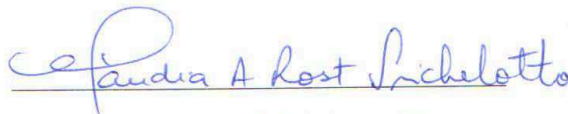
**FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAL EM CARTAS DE LEITORES DE  
PERIÓDICOS DE CHAPECÓ NO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

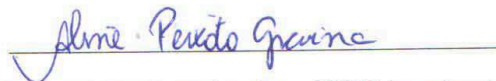
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em:  
10 / 12 / 2014

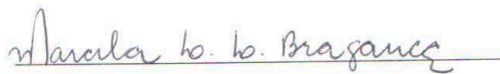
**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS (orientadora)



Prof<sup>ª</sup>. Dra. Aline Peixoto Gravina – UFFS (membro interno)



Prof<sup>ª</sup>. Me. Marcela Langa Lacerda Bragança – UFFS (membro externo)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cristiane Horst – UFFS (membro interno suplente)

# Formas de tratamento nominal em cartas de leitores de periódicos de Chapecó no século XX<sup>1</sup>

Leila Teixeira da Rosa<sup>2</sup>

leila\_teixeira11@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho descreve e analisa as Formas de Tratamento Nominal (FTNs) utilizadas em uma amostra aleatória de 15 cartas de leitores, do município de Chapecó, publicadas na década de 50 do século XX. Sendo onze do jornal *A voz do Chapecó* e quatro do jornal *O Imparcial*. Esta amostra faz parte de um projeto maior denominado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. As questões que motivam a pesquisa são: (i) Quais Formas de Tratamento Nominais eram utilizadas nas cartas de leitores?; (ii) Qual a função das Formas de Tratamento Nominal?; (iii) Estas formas contribuía para a aproximação ou para o distanciamento dos interlocutores?; (iv) Quais fatores socioculturais interferem no uso das Formas de Tratamento Nominal? Para responder a estes questionamentos preliminares, valemo-nos dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da teoria da polidez linguística. Assim, iniciamos expondo a definição e classificação das FTNs, em seguida, apresentamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Após, detalhamos a teoria da polidez linguística. Desta maneira, foram identificadas 140 FTNs utilizadas, dentre elas, 28 eram não codificadas e 122 consagradas. Nas FTNs não codificadas a função era predicativa, enquanto nas consagradas era alocutiva. As FTNs não codificadas de caráter pejorativo ofendiam os seus alocutores e conseqüentemente causavam um afastamento entre interlocutores. Observou-se que o recurso da polidez linguística no emprego das FTNs foi pouco recorrente, julgando-se pelo momento histórico de conflitos políticos que Chapecó viveu na década de 50.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Formas de tratamento nominal; Polidez linguística.

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar as formas de tratamento nominal (doravante FTNs) em uma amostra de “cartas de leitores” de jornais, da década de 50 do século XX, do município de Chapecó.

As FTNs são essenciais em uma interação oral, pois são uma das ferramentas que os locutores utilizam para iniciar o contato com duas ou mais pessoas. Para manter essa relação harmoniosa e preservar o equilíbrio social, não só a maneira como denominamos o nosso interlocutor é manipulada, mas toda a linguagem de forma que ele mantenha, sempre que possível, um bom relacionamento com seu ouvinte. Uma mãe ao chamar sua filha pelo seu nome próprio como *Juliana* não obterá o mesmo efeito chamando-a por um apelido *Juli* ou *filhinha*. Dessa forma, as palavras ditas, normalmente, são suavizadas para que não venham a

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, orientado pela Profa. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

<sup>2</sup> Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

ofender o(s) outro(s) participante(s) da interação face a face. Esse recurso, denominado polidez linguística, possui grande relevância para manter a estabilidade social.

São várias as FTNs de que o falante dispõe para referir-se a seu ouvinte, participante do discurso, independente da língua falada. Essas formas variam de acordo com o grau de simetria das relações entre os interlocutores e também se modificam segundo a intenção de fala. Portanto, a questão que motivou este estudo é: Quais FTNs foram utilizadas numa amostra de “cartas de leitores” de jornais, da década de 50 do século XX, do município de Chapecó?; Qual a função das Formas de Tratamento Nominal?; Estas formas contribuíam para a aproximação ou para o distanciamento dos interlocutores?; Quais fatores socioculturais interferem no uso das Formas de Tratamento Nominal? Espera-se comprovar a utilização de FTNs não codificadas com caráter pejorativo, justificadas pelos fatores históricos sociais que ocorreram na década de 50 em Chapecó.

Um dos motivos que promoveu o interesse na realização desta pesquisa foi o fato de existirem poucas análises sobre as FTNs em textos escritos, principalmente sobre o Português Brasileiro (PB). No Brasil, os estudos sociolinguísticos relativos às FTNs<sup>3</sup> concentram-se em: Moraes e Silva (2011), Conceição e Marcotulio (2011), Cintrão (2011), Luis Antônio Silva (2011), Lopes e Rumeu (2011). A maioria das pesquisas sobre FTNs investiga, na fala e na escrita, a sua ocorrência em comunidades linguísticas de outros países, como França, México, Chile, Paraguai, entre outros.

A razão da escassez de pesquisas sobre FTNs do PB pode ser atribuída ao fato de que o uso de registros tecnológicos da fala, como gravações de vídeo e voz, entre outros registros audiovisuais, só foi possível a partir da revolução tecnológica, regressão de aproximadamente um século, como afirma Chagas (2008). Portanto, antes desse período, predominavam os registros escritos.

Em razão da escassez de recursos tecnológicos que permitissem a gravação de voz, foi preciso recorrer a uma amostra de cartas de leitores dos jornais *O Imparcial* e *A voz do Chapecó*<sup>4</sup>, já que registros audiovisuais da época são raros e a cidade estava no início de um

---

<sup>3</sup> Todos estes estudos estão reunidos no livro *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*, organizado por Célia Regina dos Santos Lopes e Leticia Rebollo Couto (2011).

<sup>4</sup> Estes dois veículos foram escolhidos porque eram esses os únicos exemplares impressos existentes nos locais investigados que dispunham do gênero carta de leitor. Também porque estes jornais eram dirigidos à população do oeste catarinense, em especial a do município de Chapecó e de seus distritos que atualmente são cidades desmembradas do Velho Chapecó.

processo de industrialização<sup>5</sup>. O *corpus* faz parte do projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina<sup>6</sup>” que pretende descrever e analisar fenômenos linguísticos do português do Oeste de Santa Catarina, composto por uma amostra de 32 entrevistas sociolinguísticas (informantes chapecoenses) e 15 cartas de leitor do jornal *O Imparcial* e *A Voz do Chapecó*, publicada durante a década de 50.

Como os meios de comunicação nos séculos anteriores eram limitados, se comparados com os recursos disponíveis no século atual, os jornais eram utilizados, sobretudo para assuntos de caráter pessoal, como informar e comunicar-se com amigos ou parentes. Mas, também denunciavam problemas sociais. Acredita-se, portanto, que nesses registros da escrita chapecoense, por aproximarem-se mais da fala e por manterem o caráter mais pessoal, as FTNs serão mais recorrentes.

Outro aspecto que motivou esta pesquisa é de cunho histórico. O levantamento preliminar de uma amostra de cartas de leitores revelou que o uso de FTNs ofensivas a outras pessoas era bastante comum, principalmente quando se queria criticar alguém. Porém, no Brasil, o Código Penal Brasileiro, criado pelo Decreto - lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, adverte sobre a ofensa à imagem social de outra pessoa. Especificamente, o artigo *Art. 139* expõe: “Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação: *Pena* - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa”. Nesse sentido o respeito ao outro é imposto por lei, independente do tipo de relação que mantenham entre si, para que a vida social ocorra de maneira tranquila. Espera-se, portanto, com esta investigação, comprovar que Chapecó vivia um momento de muita tensão, devido aos embates políticos e aos incêndios criminosos que ocorriam entre as décadas de 40 e 50, fatores estes que faziam com que a lei que vigorava já há 10 anos fosse ignorada pelos chapecoenses. Neste enfoque, pretendemos desvendar os fatores extralinguísticos envolvidos na escolha das FTNs pelos autores das cartas de leitores.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, serão expostos os pressupostos teóricos que embasam este trabalho. Esta parte se subdivide em três subseções: na primeira, reunimos estudos da língua francesa em comparação com o árabe e o inglês americano (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011) e estudos que unem renomadas pesquisas sobre a modalidade predicativa das FTNs (GIAUFRET, 2011), com ênfase em debates parlamentares. Na segunda subseção, serão apresentados alguns conceitos básicos da teoria da Polidez Linguística como: a face positiva e negativa, atos de ameaça a face e relações simétricas e

---

<sup>5</sup> Mais informações sobre a década de 50 em Chapecó nos livros: *Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó*, elaborado por Alba (2002), e também *O linchamento que muitos querem esquecer*, de Hass (2003).

<sup>6</sup> Projeto financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012-Universal. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS sob o nº CAAE 17011413.2.0000.5564

assimétricas. Na terceira subseção, tratamos de alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Estes enfocam a língua como um sistema heterogêneo que varia de acordo com fatores internos e externos a ela. Na segunda parte, será exposta a metodologia adotada para esta pesquisa, seguida da terceira parte na qual se observa a análise das FTNs coletadas nas cartas de leitores. Além de identificar e classificar as FTNs utilizadas, também foram descritas suas funções e verificados, sempre que possível, os fatores extralinguísticos (sociais e estilísticos) que conduzem a escolha das FTNs utilizadas nas cartas de leitores. Por fim, passamos às considerações finais da pesquisa.

## 1 Referencial teórico

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam a nossa pesquisa, iniciamos expondo a definição e classificação das FTNs em seguida, apresentamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística, que enfoca a heterogeneidade da língua, além de exemplificarmos que a variação e mudança linguística decorrem de fatores internos e ou externos à língua. Após, detalhamos a teoria da polidez linguística, apresentando-a como a preservação da face, que está dividida em positiva e negativa.

### 1.1 As FTNs

Os estudos sobre FTNs foram desenvolvidos por vários pesquisadores, entre eles Kerbrat-Orecchioni (2011)<sup>7</sup> e Giaufret (2008)<sup>8</sup>. Essas pesquisas contribuem muito com a pesquisa ora desenvolvida, já que expõem o conceito de FTNs e as suas respectivas classificações.

Kerbrat-Orecchioni (1992, p. 15 apud GIAUFRET, 2008) define que as FTNs são um conjunto de expressões, utilizada para se dirigir a outra pessoa participante do discurso. Elas podem ser de origem pronominal como *tu, você, senhor ou senhora* ou nominal, por exemplo, *Carla, amor, coração, besta*, entre outras. As FTNs ultrapassam as barreiras da comunicação; auxiliando na construção de relações entre os participantes do discurso. Por isso, são chamadas de relacionemas.

---

<sup>7</sup> O *corpus* de pesquisa é constituído por duas entrevistas consecutivas com mesma duração (uma hora e meia) entre orientadora Orecchioni e dois orientandos que redigiam suas monografias, uma em francês e outra em gabonês.

<sup>8</sup> Breve sistematização de estudos já existentes que explicam o funcionamento predicativo das FTNs com ênfase em debates parlamentares.

Kerbrat-Orecchioni (2011) estudou as categorias e as funções das FTNs utilizadas em francês, que se classificavam em nomes próprios (Paulo, Luiz e Pedro), as formas senhor/senhora/senhorita (Senhora Elena), títulos herdados e ou conferidos (capitão, mestre), nomes de profissões e funções (garçom, motorista), formas relacionais (termos de parentesco) (irmão, papai, tia), rótulos e formas afetivas com valor negativo (ô loira, imbecil, otário). Concluiu que as FTNs são de extrema importância no funcionamento das interações verbais, principalmente, porque elas são as primeiras palavras utilizadas pelos falantes para iniciar um discurso. Mas, o que chama a atenção em sua pesquisa, foi o fato de que se, em muitas situações comunicacionais as FTNs estão presentes, em algumas outras elas praticamente desaparecem. Cita, por exemplo, as situações de entrevista com seus orientandos de mestrado. No momento da entrevista com seu aluno francês (entrevista:francês-francês), não ocorreu nenhuma FTN, enquanto que, na fala do aluno gabonês (entrevista:francês-gabonês), houve produção de mais de vinte.

Estas situações em que não ocorre uso de FTNs, normalmente são atribuídas ao contexto de conversas familiares, no qual é comum a falta de emprego devido a relações afetivas e o apagamento dos nomes próprios. Também, Kerbrat-Orecchioni (2011) constatou que:

[...] Em outros casos, a ausência total de qualquer forma de tratamento nominal se deve ao fato de que não dispomos no nosso repertório de nenhuma forma realmente satisfatória: quando, por exemplo, temos de chamar, no corredor da universidade, alguém que não é nenhum estranho, nem uma pessoa próxima, *monsieur* [senhor] é muito formal, o seu nome, resultaria por demais familiar, e o sobrenome um pouco brusco [...] (p. 20, grifo do autor)

Dessa maneira, a autora percebeu que o francês é muito rico quanto à variedade de FTNs, e a recorrência depende também do conteúdo de uso. É durante o discurso que se concretizam como FTNs. A classificação das FTNs em francês acarretou em nove categorias, que iniciam pelos nomes próprios, sobrenomes, títulos, profissões, termos de parentesco, rótulos e formas afetivas de tratamento. Em determinada situação, pode-se, na língua francesa, combinar FTNs, por exemplo, *Senhor primeiro Ministro* ou *Senhora juíza* justificando abundância de FTNs na referida língua.

A autora também citou pesquisas de Christine Béal sobre as FTNs no inglês americano em comparação com os franceses. Percebeu que os americanos usam muito mais que no francês as FTNs como uma forma cortês e sem nenhum valor afetivo. Utilizam principalmente as formas diminutivas dos nomes próprios como, por exemplo, para Emília, Milly ou Lily.

Outro estudo sobre as FTNs em francês é o de Giaufret (2008), que divide as FTNs em dois tipos: consagradas e não codificadas:

- Formas de tratamentos que pertencem a um paradigma consagrado (pronomes, nomes próprios, títulos, termos de parentescos etc.)
- Formas não codificadas; ou seja, que veiculam um certo grau de criatividade; com o objetivo de colocar em prática diferentes operações de linguagem, sobretudo para:
  - a) Chamar a atenção do interlocutor;
  - b) Manter o contato com o interlocutor;
  - c) Escolher um interlocutor entre outros;
  - d) Dizer algo sobre o interlocutor. ( p. 45-6)

As três primeiras categorias de formas não codificadas ocorrem em contextos em que se utilizam principalmente vocativos para chamar atenção do ouvinte, caracterizando-se como a função alocutiva cujo objetivo é “[...], instalar ou manter uma relação com o interlocutor.” (GIAUFRET, 2008, p. 46). Também, as FTNs consagradas possuem a função alocutiva.

Assim, a autora cita Perret (1968) explicando que a função alocutiva fundamenta-se principalmente no pressuposto de que, ao utilizar um nome próprio, o alocutor pressupõe que este ser é humano e que possui um nome. Quanto ao locutor, pressupõe-se que ele conheça a pessoa em decorrência de saber seu nome.

Para exemplificar, o locutor busca iniciar uma conversa ou então chamar a atenção do seu ouvinte que se dispersou para manter a conversa: “*Pedro, você está me ouvindo?*” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p. 24). Ou contextos seletivos em que o locutor impõe mudança do interlocutor, através da escolha: “*Michele, o que você acha?/ Michele o que você tem a dizer sobre isso?*” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p. 24, grifo nosso). Ainda segundo Giaufret, perguntar a uma mulher desconhecida, usando a FTN *Senhora, onde fica a livraria?* implica chamar a atenção de uma desconhecida, referindo-se a ela como interlocutora e com uma informação pressuposta relativa ao sexo feminino.

A quarta e última categoria descrita por Giaufret (2008), que é afirmar algo sobre outra pessoa, a função é predicativa, apoiada nas informações postas (novas). Neste ponto, observa-se que a função predicativa caracteriza-se por afirmar algo sobre o interlocutor. Por exemplo, “*Otário ou seu Otário* significa que você é *um otário* (mesmo que relativizado pela enunciatividade: *eu acho que você é um otário*). O enunciador atribui em sua enunciação uma propriedade ao seu alocutor” (GIAUFRET, 2008, p. 50, grifo do autor). O interlocutor nem sempre concordará com esta propriedade que lhe foi atribuída, mas ela recairá sobre ele e não sobre a relação existente entre locutor e alocutário.

Em suma, a partir das funções alocutiva e predicativa, Giaufret (2008) destaca que as FTNs podem ser divididas em *denominativas* e *designativas*. No primeiro tipo, o interlocutor conhece a denominação que lhe foi referida, conseguindo identificar-se através dela, portanto esta informação é pressuposta como, por exemplo, *Senhor governador José*. Nesse sentido, as FTNs consagradas são classificadas com a função alocutiva e são, portanto, denominativas. Enquanto, as FTNs não consagradas que atribuem uma característica nova ao alocutor são classificadas como designativas com função predicativa. Pode-se exemplificar, *Sua besta!* uma pressuposição posta, na qual o locutor atribuiu uma propriedade nova ao alocutor.

Portanto, as FTNs designativas são mais criativas que as denominativas, mesmo que as formas se repitam, como o insulto, ou quando novas formas que estavam em desuso voltam a ser utilizadas. Conclui-se que o insulto é uma FTN classificada como designativa, “[...] é *posta e explícita* recaindo sobre o alocutor por meio de uma designação.” (GIAUFRET, 2008, p. 51, grifo do autor)

Desse modo, os estudos das FTNs, detalhados anteriormente, podem ser resumidos no Quadro:

Funções das Formas de Tratamento Nominais (FTNs) e Pronominais	
Função Alocutiva (Pressuposto)	Função Predicativa (Posto)
Chamar a atenção do interlocutor	Dizer algo sobre o interlocutor
Manter o contato com o interlocutor	
Escolher um interlocutor entre outros	

**Quadro 1:** Funções das formas de Tratamento Nominais (FTNs) e Pronominais  
Fonte: elaborado pela autora.

Os vocativos têm funções alocutivas e predicativas, conforme vimos na seção a seguir:

### 1.1.1 Os vocativos

Moreira (2013, p. 11) detalha os vocativos como termos empregados cotidianamente pelos falantes para dirigir-se aos interlocutores. Acrescenta que, em várias gramáticas prescritivas como as de: Melo (1978); Câmara Jr. (1981); Luft (1983); Cunha & Cintra (1985); Cegalla (1985); Bechara (1999), entre outras, os vocativos consistem em expressões usadas para chamar pessoas, isto é, situa-se no campo da pragmática.

Segundo a classificação de Cunha e Cintra (2008, p. 175), os vocativos são classificados como termos acessórios das orações e “Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com maior ou menor ênfase, uma pessoa ou coisa personificada”. São termos que têm entonação exclamativa e estão isolados do restante da frase.



Moreira exemplifica<sup>9</sup> o isolamento do vocativo nas sentenças, ou seja, são independentes do restante da oração. Observa-se que os vocativos ocorrem nas extremidades das sentenças, no início ou final da mesma. Portanto, este elemento não influencia sua concordância verbal e é classificado sintaticamente como adjunto.

Em suma, Moreira (2013) afirma que os vocativos têm posições específicas nas orações:

[...] como à esquerda da oração, à direita da oração, entre o verbo e o complemento de uma oração, entre a oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal ou à direita de um tópico, de um constituinte -qu, de uma invocação ou de uma interjeição. (2013, p. 13)

Logo, os vocativos são extremamente importantes para as relações orais, já que, em gêneros orais, as pessoas buscam chamar a atenção ou nomear seu interlocutor. Todavia, nos gêneros escritos, principalmente em cartas, e seguindo esta linha, nas cartas de leitores, os vocativos são muito utilizados.

Moreira fez vários estudos sobre o uso do vocativo. O primeiro (2008) deles engloba o uso de vocativos no português brasileiro, nos séculos XIX e XX, no campo da variação e mudança linguística, tendo como *corpus* peças teatrais. Neste trabalho, a autora constatou mudanças na ordem de emprego dos vocativos, no século XX, há uma ascendência no uso do vocativo posterior a oração (Or + Voc), e a diminuição dos usos (Voc + Or) ou (Or + Voc + Or). Em seu trabalho mais recente, Moreira (2013) também analisa a ordem de emprego dos vocativos, provando que a interpretação do vocativo pode mudar, conforme o tipo de interjeição, que o antecede. Há dois tipos de interjeições, aquelas que expressam o estado mental do locutor e aquelas que atuam com vocativos ou não, desempenhando o papel de chamar “chamamento indireto”. “[...] as partículas de chamamento indireto, geralmente precedem um chamamento e, se uma interjeição propriamente dita preceder o vocativo, teremos um destinatário e não um chamamento”( p.1).

Portanto, observar o uso dos vocativos em gêneros escritos contribui com este trabalho, devido ao corpus ser constituído por cartas de leitores.

## 1.2 Teoria da Variação e Mudança Linguística

---

<sup>9</sup> Exemplos citados por MOREIRA (2013):

(1) Filho, isso é só eles é que sabem.

(2) Hoje é aniversário da mamãe, João.

Muitos estudos pesquisaram a variação e mudança em várias línguas<sup>10</sup>. A teoria sociolinguística postula a língua como um fenômeno de origem social, que está suscetível a mudanças devido a influências internas e externas ao indivíduo, inserido em comunidades linguísticas.

A língua, sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, se constitui como “[...] uma forma de comportamento social [...], ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215). Dessa maneira, a língua não é simplesmente um instrumento de comunicação, mas vai além, pois envolve sentimentos e emoções dos falantes, que adequam sua fala ao contexto social e ao tipo de relação profissional, de parentesco ou de amizade que existem em uma conversa.

Na concepção da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008, p. 16), a língua não é um sistema homogêneo nem mesmo quando observada sincronicamente, mas heterogêneo. Todas as línguas sofrem variações, ou seja, na sociedade em geral ninguém falará da mesma forma, pois fatores internos e externos determinam o uso da língua.

No mundo há uma variedade de línguas, que diferem entre si por “regras de combinação de fonemas (sons), regras de combinação de morfemas, regras de combinação de palavras na frase, regras de combinação de frases no texto.” (BELINE, 2008, p. 129). As línguas naturais, como o PB, apresentam variação nos níveis lexical, fonético/fonológico, morfológico, sintático e discursivo, conforme Beline. Entretanto, além de aspectos internos, “Uma mesma língua pode variar de acordo com a localização geográfica e com aspectos sociais.” (BELINE, 2008, p. 129). Essas diferenças são percebidas no português falado e escrito em diversas regiões do país e, de modo geral, não chegam a comprometer a comunicação entre os interlocutores.

Outro pressuposto da Teoria da Variação e Mudança Linguística é que a variação é inerente às línguas. Todavia, as línguas sofrem alterações ao longo do tempo, como destaca Chagas (2008). Percebem-se tais alterações ao comparar-se, por exemplo, a fala de pessoas

---

<sup>10</sup> Um estudo pioneiro sob a perspectiva da Sociolinguística varacionista foi elaborado por Labov, considerado desde então precursor dessa corrente teórica devido ao tratamento metodológico aplicado à investigação da língua no contexto social. Ele percebeu que fatores como idade, sexo e condição social dos falantes podem provocar mudanças da língua. Labov percebeu a influência de fatores como idade, condição, social dos falantes podem provocar mudanças da língua. Em uma ilha que anualmente tinha cerca de 6.000 mil habitantes, porém, com a chegada do verão, esta passava a ter 40.000 habitantes. A pronúncia vocálica de dois ditongos variava nos habitantes locais da ilha, para os turistas e isto diferenciava os habitantes. Portanto, a partir do momento que a ilha melhora sua condição econômica com os turistas a condição social de pescador ou turista era reconhecida através da pronúncia.

mais idosas com jovens. Quanto maior a diferença da faixa etária entre os indivíduos, mais diversidades ocorrerão.

Por outro lado, o autor afirma que existem outras formas de percebermos estas alterações das comunidades linguísticas; principalmente através de textos escritos e falados de outras épocas. Porém, retrocedendo cerca de um século já não é mais possível encontrarmos registros audiovisuais, devido à falta desses recursos nos séculos anteriores. Destaca também o autor que, “Embora seja algo conhecido que as línguas mudam tanto em sua forma falada quanto escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a fala.” (CHAGAS, 2008, p. 141).

Cabe destacar, porém, que nem todas as situações de variação desencadeiam mudanças na língua. O processo de mudança na língua é possível, conforme Chagas (2008), devido a fatores internos e externos a ela e à sociedade.

Um exemplo bastante conhecido de mudança decorrente de fatores externos são as formas pronominais para referência à segunda pessoa do singular. Inicialmente, no português brasileiro, só existia o pronome *tu*, que fora herança do latim. Com o surgimento de uma sociedade hierárquica, começou-se a utilizar *Vossa Mercê*, *Vossa Majestade* para referir a pessoas de maior escala hierárquica. Portanto, as alterações sociais provocaram mudanças na língua. Segundo o autor, com o passar dos anos, o uso de *Vossa Mercê* deixou de referir-se a pessoas de alta hierarquia e passou a ser de uso corriqueiro e comum. Com a intensificação de sua utilização em variados contextos, a mudança ocorreu ao longo dos séculos e houve redução na sua forma: de *vosmecê a vossuncê*, *de suncê a você*. Atualmente, em alguns locais do Brasil, utilizasse até a forma monossilábica *cê*. Mas, na região Sul do Brasil, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o *tu* é ainda é mais utilizado que o *você*. As duas formas coexistem, e estão sujeitas à variação geográfica e estilística. Talvez com o passar do tempo um dos pronomes passe a ser desconhecido pelos falantes, o que poderá caracterizar uma mudança na língua.

Finalmente, poderemos nos apoiar nos conceitos da Teoria da Variação e Mudança, pois a língua não é pronta nem nunca será, sempre estarão ocorrendo variações em cada lugar ou nas situações em que ela é usada. As mudanças surgem a todo instante, mas nem sempre são incorporadas.

A partir das contribuições apresentadas pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, verificaremos se as FTNs localizadas na amostra estão sujeitas à variação decorrente de fatores linguísticos e extralinguísticos.

### 1.3 Polidez

As teorias da polidez linguística possuem como principais teóricos fundadores: Austin (1962), um dos primeiros a afirmar que a linguagem serve para regular relações sociais, Brown e Levison (1987), que detalham a noção de face, Grice (1982), que estudou as máximas conversacionais, e Lakoff (1973), pioneiro nesta área, que sugere a existência de duas regras, segundo nas quais as pessoas devem ser claras e polidas.

Oliveira (2004) esclarece que o conceito de polidez linguística é de difícil definição mesmo em literatura especializada. A polidez é definida como uma máxima conversacional, como um contrato conversacional de preservação da face. Nosso estudo dará enfoque à teoria da preservação da face que teve como precursores Brown e Levison (1987).

Oliveira ainda aborda em seus estudos que a existência da polidez linguística em qualquer sociedade ultrapassa as barreiras sociais, sendo ela a base que mantém a harmonia da vida em comunidades “A polidez é, sem dúvida, um dos elementos basilares da vida em sociedade e, por isso, é considerada como um dos valores socioculturais mais importantes que pode ser expresso por meio da linguagem.” (2004, p.272).

Portanto, “O princípio da polidez tem por objetivo manter o equilíbrio social e as relações cordiais entre os interlocutores” (SILVA, 1999, p. 116). A autora aponta que, quando duas pessoas participam de uma interação, o primeiro ato que acontece inicialmente é a quebra do equilíbrio com um simples contato. Duas faces podem ser assumidas pelo indivíduo: a primeira, defensiva, “tendo em vista preservar a própria face [...]” (SILVA, 1999 p. 112). E a segunda, “uma orientação protetora, tendo em vista preservar a face do outro” (SILVA, 1999 p. 112).

Neste enfoque, Oliveira cita que, para Brown e Levinson (1987), a noção de face, que norteia sua teoria, significa “a imagem pública do indivíduo” (OLIVEIRA, 2004, p. 277). Desse modo, a polidez deve ser analisada como o ato de proteger a face do indivíduo. Perder, manter ou realçar a face pode ocorrer, durante um processo de comunicação oral, de acordo com as situações de constrangimento ou humilhação a que ela for submetida.

Para que a face sofra estas alterações ou permaneça preservada, Oliveira (2004) expõe que tipos de face um ser humano pode ser constituído. São duas: a face negativa, configurada como sendo o desejo do indivíduo de não ter suas ações impedidas, inevitavelmente associadas à polidez. E, por sua vez, a face positiva, que equivale ao desejo humano de ser aprovado e lembrado admiravelmente por sua comunidade social.

Ainda seguindo os pressupostos de Brown e Levison, Oliveira comenta que há atos que originalmente, dependendo do contexto discursivo, ameaçam a face. Estes contrariam o desejo do outro, chamados, então, de atos ameaçadores da face. Há quatro categorias distintas:

- a) atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: desaprovação, críticas, insultos, acusações, “raising taboo topics” (levantando temas tabu, tradução nossa);
- b) atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: pedidos, ordens, sugestões, conselhos, avisos
- c) atos que ameaçam a face positiva do falante: pedidos de desculpa, humilhação, confissão;
- d) *atos que ameaçam a face negativa do falante*: aceitação de ofertas e de agradecimentos. (OLIVEIRA, 2004, p. 277, grifo do autor)

Os riscos de ameaça a face podem ser agravados ou amenizados por três fatores sociais: grau de parentesco entre os participantes do ato de fala; o grau de imposição que o falante pode ter sobre seu ouvinte e como cada cultura observa este grau de imposição. Além disso, o contexto da situação em que ocorre a conversa deve ser levado em consideração.

Para exemplificar, Silva (1999, p. 119) descreve que, na sala de aula, existem constantes ameaças à face tanto do professor quanto do aluno. Ele acrescenta ainda que isto se inicia a partir do lugar profissional que o professor ocupa em relação a seus alunos e também porque os alunos nem sempre estão dispostos a ouvir o seu mestre e adquirir conhecimento com ele. O professor ao incluir no seu discurso “nós” aponta um ato positivo para preservação da face, no entanto, o aluno, ao interromper o professor com o enunciado “mas, Zé Paulo” expõe um ato ameaçador já que, como autoridade da sala, o professor não deve ser interrompido e sim autorizar o aluno a falar. Somente usando “mas” que é neste contexto uma conjunção adversativa, o aluno contraria a fala do professor, o que pode sinalizar uma ameaça à face do professor. No entanto, quando o professor menciona que eles tinham acabado de ver a situação a implicatura aponta que o menino estava desatento, sendo uma ameaça à face do menino. Portanto, na sala de aula, sempre haverá ameaças à face tanto do professor quanto do aluno. Todos os interesses que constituem um indivíduo podem constituir a face, que podem ou não ser realizados pelos outros. Para evitar situações ameaçadoras à face tanto sua como a do outro, o ideal é fugir de situações que possam ameaçar conflitos.

Existem dois tipos de interação entre locutor e interlocutor, interpessoais e transacionais, conforme Barcia (2006) embazado na teoria de Briz (2004). Nas interpessoais “existe, previamente, a disponibilidade para o diálogo e proximidade social entre os interlocutores. São, por isso, relações simétricas, devido à sua estreita ligação com as interações de mais solidariedade.” (2006, p. 75). Porém, as relações transacionais têm um

objetivo específico, uma finalidade “Neste caso, a distância social é realçada e, por tratar-se de uma relação assimétrica, os direitos e obrigações se apresentam mais determinados e mais estreitamente submetidos às convenções sociais.” (2006, p. 75)

As cartas interpessoais possuem como destinatário duas pessoas específicas como, por exemplo, cartas entre familiares, amigos, esposa e marido, namorados e pessoas não especificadas. Os temas abrangem assuntos de caráter mais íntimos, pessoal, amizades, entre outros. Enquanto as transacionais abarcam os destinatários como redator, pessoas de maior prestígio social como políticos regionais. Os temas em questão são do interesse do público em geral, que envolvem “questões trabalhistas e jurídicas” (BARCIA, 2006, p. 75).

Partindo dessa afirmativa, Barcia (2006, p. 86) defende que exercer poder sobre outra pessoa é ter controle sobre o comportamento da outra, independente do método utilizado seja ele força corporal, poder econômico, hierarquia familiar, profissão, idade entre outros. Essas relações não são necessariamente estanques, pois, em relação a diferentes pessoas, o sujeito pode ter diferentes relações de poder, por exemplo: um chefe de pode ter poder sobre um empregado subordinado, mas não terá a mesma influência se, no time de futebol em que joga, o seu técnico for o empregado subordinado.

A relação de solidariedade é recíproca os dois interlocutores têm de dividir o mesmo objeto, como é possível observar-se nos argumentos citados de Barcia (2006), a seguir:

*A solidariedade* refere-se a relações de proximidade e simetria entre os interlocutores que podem estar baseadas numa relação social real ou percebida/compreendida como tal (Briz, 2004: 80). São relações mais simétricas aquelas em que existe, ou se percebe, igualdade funcional entre os participantes da interação, no que diz respeito a seu papel na interação, assim como igualdade de papéis sociais ou culturais, tais como idade, gênero ou profissão. Também se consideram fatores sócio Pragmáticos, para definir as interações de mais proximidade, como aqueles em que os interlocutores têm mais experiências ou saber compartilhado, maior grau de contato (físico ou ocular) e de compromisso afetivo. ( p.87, grifo do autor)

A partir dessa perspectiva, poderemos nos questionar que fatores extralinguísticos motivam os falantes/escreventes das cartas de leitores a escolherem determinados tipos de FTNs.

## **2 Metodologia**

Esta pesquisa utiliza a metodologia descrita a seguir: (i) Revisão teórica sobre os pressupostos da Sociolinguística e da Polidez linguística, entre eles, por exemplo, de William

Labov, em *Padrões Sociolinguísticos*, e de Taísa Peres de Oliveira, em *Polidez e Linguagem: Perspectivas*; (ii) Revisão da literatura sobre estudos de FTNs a partir do livro *As formas de tratamento em português e em espanhol* no qual há participação de Catherine Kerbat-Orecchioni em *Modelos de Variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em francês*; (iii) Procedimento observatório e analítico qualitativo da modalidade escrita “cartas de leitores” da amostra investigada.

Investigaremos uma amostra aleatória de cartas de leitores de Chapecó que faz parte de um projeto maior denominado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. O *corpus* é formado por 15 cartas de leitores, publicadas na década de 50 do século XX: dez do jornal *A voz do Chapecó* e quatro do jornal *O Imparcial*, conforme a distribuição no quadro abaixo:

<i>Jornal</i>	<i>Frequência de cartas coletadas</i>
A Voz do Chapecó	11
O Imparcial	4
Total	15

**Quadro 2:** Cartas de Leitores de Chapecó  
Fonte: elaborado pela autora.

A coleta das cartas de leitor aconteceu no Centro de Pesquisa e Memórias do Oeste Catarinense (CEOM), no qual foram fotografadas com câmera digital 11 cartas de leitor no jornal “A Voz do Chapecó”. Em seguida, visitamos a Biblioteca Municipal de Chapecó Neiva *Costela*, onde foram coletadas mais 4 cartas do jornal “O imparcial”. Todas as 15 cartas foram publicadas na década de 50 do século XX<sup>11</sup>.

A reunião de cartas, para a análise quantitativa, realizou-se em etapas. Primeiramente, ocorreu a investigação nos meios de comunicação da época arquivados se haveria uma seção fixa onde estariam expostas as cartas dos leitores. Encontrou-se, nos dois semanários, uma seção denominada “A pedido”. Reconhecidos o objeto de pesquisa, fotografaram-se as cartas e suas respectivas datas de publicação.

O tratamento dos dados foi realizado conforme as especificações do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). Na sequência todos os arquivos foram transcritos seguindo as Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos Edição Semidiplomática do Projeto PHPB. Segundo a ata da reunião da equipe de corpus do PHPB,

<sup>11</sup> Inicialmente o projeto prévio viabilizava a coleta do gênero carta de leitor no jornal “O Jornal do Povo”, porém, como não foi encontrado neste veículo esse gênero epistolar, alterou-se a busca para outros jornais da época.

de 1º. de janeiro de 2010, o corpus mínimo básico de impressos no século XX deveria conter 5.000 palavras.

Posteriormente, ocorreu a catalogação das cartas em arquivos, respeitando a ordem cronológica partindo das datas de publicações mais antigas para as mais recentes. Foram enumeradas todas as cartas em ordem crescente, denominando seu veículo de publicação, local, edição e fonte de resgate do material. Ao final da transcrição o *corpus* de nosso projeto totalizou 5.842 palavras. A seguir, listamos o quadro das cartas de leitores e seus respectivos títulos:

Cartas de leitores <sup>12</sup>					
<i>Jornal: O Imparcial</i>			<i>Jornal: A Voz do Chapecó</i>		
<i>Nº</i>	<i>Data de publicação</i>	<i>Cartas</i>	<i>Nº</i>	<i>Data de publicação</i>	<i>Cartas</i>
01	04/03/1956	Covardes	01	08/01/1950	Superintendencias das Empresas Incorporadas ao Patrimonio Nacional
02	11/05/1955	O Dep. Miranda Ramos responde	02	22/01/1950	Carta de uma a outra mãe
03	11/12/1955	Atitude de um patife	03	12/02/1950	Atestado de Pobreza
04	25/12/1954	A Pedido	04	26/02/1950	Combate ao Charlatanismo
			05	05/03/1950	Instituto Nacional do Pinho Serviço do Rio Uruguai
			06	12/03/1950	Um telegrama
			07	26/03/1950	Uma carta
			08	05/04/1950	Com a Policia
			09	16/04/1950	A pedidos uma carta
			10	28/05/1950	Esclarecimento necessario
			11	04/06/1950	Partido Trabalhista Brasileiro

**Quadro 3:** Título e data de publicação das cartas de leitores de Chapecó  
Fonte: elaborado pela autora.

As 15 cartas do *corpus* foram publicadas entre os anos de 1950 e 1956. Desta maneira, serão apresentados os resultados da presente pesquisa.

### 3 Análise dos resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados do presente artigo. Primeiramente, classificamos as FTNs utilizadas na modalidade de escrita “cartas de leitores estão expostas a classificação das FTNs em consagradas e não codificadas, conforme Giaufret (2008). Em seguida, detalharemos as funções alocutiva ou predicativa das FTNs do *corpus*. Finalmente, controlamos, na medida do possível, fatores extralinguísticos (sociais e estilísticos) que conduzem a escolha das FTNs utilizadas nas cartas de leitores, demonstrando quem eram os locutores e interlocutores das cartas de leitores do corpus e que tipos de relações existiam

<sup>12</sup> Foi respeitada a ortografia original do título das cartas.



entre eles, de poder ou solidariedade, simétrica ou assimétrica expostas por Barcia (2006). Por fim, tratamos de um momento delicado em Chapecó, a década de 50, e como este momento influenciou na escolha das FTNs pelos chapecoenses nas cartas de leitores.

### 3.1 Classificações das FTNs utilizadas na modalidade de escrita “cartas de leitores”

O objetivo desta seção é apresentar quais FTNs foram utilizadas, nas 15 cartas de leitores de nosso *corpus*, além de classificá-las conforme Giaufret (2008) em não codificadas e consagradas, respectivamente nos quadros 4 e 6.

Observamos que, das 15 cartas de leitores coletadas, em nove (9) cartas, sendo sete (7) do jornal *A Voz do Chapecó* e duas (2) do jornal *O Imparcial*, foram identificadas FTNs não codificadas, como pode ser visualizado no quadro abaixo:

Jornal	Nº da carta e título (respeitando ortografia original)	FTNs Não Codificadas	Total de FTNs por carta
O Imparcial	01 <i>Covardes</i>	Apatacados, senhores feudais de Xaxim, maquiaválicos adversários políticos de Zambernedetti, os políticos apatacados, aos “apatacados” de Xaxim, covardes.	6
O Imparcial	02 <i>Atitude de um patife</i>	Patife, os mocinhos da qualidade do indivíduo Gentil Bittencourt, essa besta, indivíduos inescrupulosos, maquiavélico e incompetente gerente da Radio Chapecó, vulgo gerente de araque, o covarde.	7
A Voz do Chapecó	03 <i>Carta de uma a outra mãe</i>	Essas duas creaturinhas, Noivinha de meu filho.	2
A Voz do Chapecó	04 <i>Combate ao Charlatanismo</i>	Charlatães.	1
A Voz do Chapecó	05 <i>Uma carta</i>	Indivíduos meãos, charlatão, os charlatões.	3
A Voz do Chapecó	06 <i>Com a Policia</i>	Mocinhos engraçadinhos, engraçadinhos, taes graçolas de mau gosto.	3
A Voz do Chapecó	07 <i>A pedidos uma carta</i>	Dito inspetor, Dita moça, Dito homem da lei.	3
A Voz do Chapecó	08 <i>Esclarecimento necessario</i>	Dos politiquinhos locaes.	1
A Voz do Chapecó	09 <i>Partido Trabalhista Brasileiro</i>	Indivíduos inexcrupulosos, os aproveitadores e confusionistas.	2
Total de FTNS não codificadas			28

**Quadro 4:** Formas de tratamento nominais não codificadas utilizadas nas cartas de leitores de Chapecó  
Fonte: elaborado pela autora.

Totalizaram 28 FTNs não codificadas utilizadas nas cartas de leitores, sendo que em 6 cartas não ocorreram o uso de FTNs não codificadas. Como já mencionado anteriormente, Kerbrat-Orecchioni (2011) expõe que em situações comunicacionais que não aparecem FTNs

podem resultar de um contexto familiar afetivo ou de situações em que não se encontra um termo apropriado para chamar o interlocutor.

Verifica-se que em duas cartas (nº 3 e nº 5), ambas do jornal “A Voz do Chapecó”, nenhum tipo de FTN foi empregada. Essas duas cartas possuíam como propósito informar o público em geral, situações específicas. A primeira informava as autoridades competentes que o atestado de pobreza somente poderia ser fornecido a pessoas miseráveis, e a segunda um anúncio do Instituto Nacional do Pinho informando o restabelecimento da exportação de pinho para o mercado platino as delegacias regionais.

Um fenômeno analisado, no *corpus*, foi o predomínio de FTNs não codificadas com valor negativo, como pode ser observado no Quadro 4. Essas FTNs ameaçam a face positiva do destinatário com insultos e acusações. De maneira criativa e irônica, os remetentes usam FTNs pejorativas, nas quais aparecem termos no *diminutivo*, de *dito*, entre outros fenômenos. Classificam-se, segundo Giaufret (2008), como FTNs *designativas*. Por exemplo, *dos politiquinhos locais, Noivinha de meu filho, essas criaturinhas, dito inspetor, dita moça, dito homem da lei*. Todas as 28 FTNs utilizadas foram empregadas com valor negativo.

Jornal	FTNs com valor positivo	FTNs com valor negativo
O Imparcial		Apatacados, senhores feudais de Xaxim, maquiavélicos adversários políticos de Zambenedetti, os políticos apatacados, aos “apatacados” de Xaxim, covardes, patife, os mocinhos da qualidade do indivíduo Gentil Bittencourt, essa besta, indivíduos inescrupulosos, maquiavélico e incompetente gerente da Radio Chapecó, vulgo gerente de araque, o covarde.
A Voz do Chapecó		Charlatães. Indivíduos meãos, charlatão, os charlatões. Mocinhos engraçadinhos, engraçadinhos, taes graçolas de mau gosto Dito inspetor, Dita moça, Dito homem da lei. Dos politiquinhos locais, indivíduos inescrupulosos, os aproveitadores e confusãoistas. Essas duas criaturinhas, Noivinha de meu filho.
Total de FTNs	0	28

**Quadro 5:** Formas de tratamento nominais não codificadas com valor positivo e negativo nas cartas de leitores de Chapecó

Fonte: elaborado pela autora.

Também observamos a ocorrência, em 13 cartas do *corpus*, de 112 FTNs classificadas por Giaufret (2008), como consagradas ou nominativas: pronomes, nomes próprios, títulos, termos de parentescos etc, que exemplificamos a seguir: Snr Dalilo Quintino, Senhora, Sr. seu

marido, Superintendente, ilustre Dr. Bertaso, Delegado da Zona, Sogra, mãe, filha, entre outros. No entanto, estas são FTNs muito comuns e de maior incidência no discurso, justamente por serem muito utilizadas, como pode ser conferido no quadro abaixo:

<b>Formas de Tratamento Nominal Consagradas</b>			
<b>Jornal</b>	<b>Nº da carta e título (respeitando ortografia original)</b>	<b>FTNs Consagradas</b>	<b>Total de FTNs por carta</b>
O Imparcial	01 Covardes	Snr. Luiz Zambenedeti, Rosa Lunardi Zambenedetti, Digna esposa, Prefeito Municipal de Xaxim.	4
O Imparcial	02 O Dep. Miranda Ramos responde	Dep. Miranda Ramos, Ilmo. Snr. Diretor de “O Imparcial”, o Snr. Governador do Estado, S.Excia. o Snr. Governador do Estado, Snrs. Deputados, V.S, Senhor Diretor, José de Miranda Ramos Deputado Estadual.	8
O Imparcial	03 Atitude de um patife	Prezados leitores, Sr. Norberto Banher, O Sr. Bittencourt, Nilo Winck, Oceano Osmar, Enio berthier, Bittencourt Bittenourt, Enio Berthier.	7
O Imparcial	04 A PEDIDO	Prezado senhor, Ilmo. Snr. Diretor do Jornal “O Imparcial, Arnaldo, Maajeski, Adão Aguiar Fernandes, V.S.	4
A Voz do Chapecó	01 Superintendencias das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional	Dr. Gaspar Coutinho, Advogado da Superintendencia, Cel.Lony De Oliveira Machado, Superintendente.	4
A Voz do Chapecó	02 Carta de uma a outra mãe	Mãe, Presada D.F., Nossos filhos, P.J., C., Senhora, Noivinha de meu filho, Futura sogra de meu outro filho, Mãe, Filha, Soldado, Marido, Moça, Mulher de militar, Jovem, Moços, Menina Ponderada, Companheiro, Sr. seu marido, I.T.	20
Jornal: A Voz do Chapecó	04 Combate ao Charlatanismo	Waldemar Tebrin, Arelindo A. Trebin, Zita Bartesi, Frederico Zingler, Eugenio Trenepoll, Darci de Camargo, Doutor (Dr) Médico Chêfe, Guarda Sanitário Chêfe.	9
Jornal: A Voz do Chapecó	06 Um telegrama	Giro Scopel, Antonio Guedes, Henrique Brasil, Nomelio Arnaldo, Odilon Martins Simon Ruas, Paulo Mantavan Jonô Fangugato, Anacleto Agostinho, Otavio Brasil, Hélio Nasan, Sabino Songalt, Dico Jacob Maran, Eguiar Sebreiner, Albino Camara, Tasor Osorio, Vale Alfredo Soefert, Fernandes Lemes, Geraldo Pires, João Arnaldo Beijamin Daldes, Dalei Arnaldo, Dionisio Verona, Mario Verine, Renato Volan, Vitorio Fontan, Piragilo Oliveira Arbelino de Lara, Abeegon Atilho Maseiro, Juvenal Halvier Germano Fuetan, Alto Veronico, Alfredo Margues, Adai Leitos Kinbig, Florelo Verona, José	30

		Mario Freitas.	
A Voz do Chapecó	07 Uma carta	Ilmo. Sr. Diretor d' A Voz do Chapecó, V.S, Dr. Darci de Camargo, Chêfe do Pôsto de Saúde.	4
A Voz do Chapecó	08 Com a Policia	Ilmo. Sr. Diretor da Voz do Chapecó, Prezado Senhor, senhores proprietarios do cinema local, Um leitor.	4
A Voz do Chapecó	09 A pedidos uma carta	Ilmo. Sr. Diretor d A Voz do Chapecó, V.S, Inspetor de Quarteirão de I Campo-erê, Alichandre Alves dos Santos, Domingos Batista, Raul Nolasco, Ramielo Fagundes, Osvaldo Machado, meu filho, a senhora do homem da lei, Sr. Diretor, José Fagundes.	10
A Voz do Chapecó	10 Esclarecimento necessario	Srn.Dalilo Quintino Perreira, Seu filho, O snr. Schereiner ( cunhado do snr. Danio), Ilustre Dr. Bertaso, S. Ruas.	5
A Voz do Chapecó	11 Partido Trabalhista Brasileiro	Senador Dr. Getulio Vargas, Delegado da Zona, José de Miranda Ramos.	3
Total de FTNs			112

**Quadro 6:** Formas de tratamento Nominal Consagradas utilizadas nas cartas de leitores de Chapecó  
Fonte: elaborado pela autora.

Constata-se que as FTNs consagradas e não codificadas coexistem em várias cartas do *corpus*, mais especificamente, em 9 cartas totalizam 94 FTNs. No entanto, o interlocutor a que se refere uma FTN consagrada como *ilustríssimo* é diferente do interlocutor a que se refere uma FTN irônica e de caráter perjorativo como *mocinhos engraçadinhos*.

*Ilm. Snr. Diretor da I “Voz do Chapecó. II Nesta Cidade II Prezado Senhor II Peço agasalho, nas co- I lunas desse valioso jor- I nal, para o seguinte: II Ao senhores propreta- I rios do cinema local, ou I ou a Policia , com refe- I rencia aos abusos que I ultimamente tem se veri- I ficado por mocinhos en- I graçadinhos, que a todo I o momento largam pia- I dinhas, assobiam, afinal I não de[ ]xam que o povo I assista um filme como I deveria assistir. (A Voz do Chapecó, Carta 08, grifo nosso)*

Na carta 8, a FTN consagrada *Ilm. Snr. Diretor da Voz do Chapecó* é usada para referir-se ao diretor do jornal A Voz do Chapecó da mesma maneira encontra-se a FTN *mocinhos engraçadinhos*, porém, esta alude a pessoas que frequentam o cinema da cidade e atrapalham com barulho a concentração de outros espectadores. Nesse enfoque, percebe-se que as FTNs são usadas mescladas consagradas e não codificadas, nas cartas de leitores, mas seus interlocutores são distintos. Em suma, o número de FTNs consagradas é maior que as não codificadas, como se pode conferir abaixo:

FTNs Consagradas e Não codificadas	
FTNs não codificadas	28

FTNs consagradas	112
Total de FTNs	140

**Quadro 7:** Total de FTNs Consagradas e Não codificadas  
Fonte: elaborado pela autora.

Para finalizar, observamos então que foram utilizadas 28 FTNs não codificadas, 112 FTNs consagradas, totalizando 140 FTNs. Apesar de as FTNs consagradas e não codificadas aparecerem mescladas nas cartas de leitores, as não codificadas são encontradas apenas no corpo das cartas de leitor. Nas partes que compõe sua estrutura canônica como: cabeçalho, vocativo, despedida e assinatura não se encontra nenhuma ocorrência de FTNs não codificadas. Enquanto, as consagradas aparecem nestes elementos das estruturas canônicas e no corpo do texto das cartas de leitor.

### 3.2 Descrição das funções das FTNs nas cartas de leitores

Descrever as funções das FTNs nas cartas de leitores do corpus será o objetivo desta parte do trabalho. As FTNs não codificadas e consagradas serão classificadas, conforme as pesquisas de Giaufret (2008), em duas funções alocutiva e predicativa.

Percebemos que, na amostra de cartas de leitores investigada, a única função utilizada nas FTNs não codificadas foi a predicativa. Na carta de leitor 09, do jornal A voz do Chapecó, podemos perceber a função predicativa no seguinte trecho:

A PEDIDOS II PARTIDO TRABALHIS- I TA BRASILEIROII Zona nº 1 do Estado de Santa Catarina II Tendo chegado ao nosso conhecimento que I *indivíduos inextruculosos e aproveitadores* estão I tentando organizar sub- diretórios do Partido Tra-Ibalhista Brasileironeste Municipio de Chapecó, I sem que para tal estejam devidamente autorizados: (A Voz do Chapecó, Carta 09, grifo nosso)

Ao utilizar as FTNs *indivíduos inextruculosos e aproveitadores estão tentando criar sub- diretórios do Partido Trabalhista Brasileiro*, em Chapecó, o autor afirma que estas pessoas não têm princípios morais. Portanto, ele assume uma opinião sobre seu interlocutor, atribuindo a ele uma característica, por meio do que foi dito, uma informação posta.

No jornal “O Imparcial”, também se observa a mesma função das FTNs. Na carta número 03, o autor também utiliza a FTN *indivíduos inextruculosos* para expor ao seu destinatário a afirmação de falta de princípios morais. Como se observa abaixo:

II Neste mesmo jornal, no I dia 27 de Novembro últi- I mo, fiz uma declaração I conforme os prezados lei- I tores poderão verificar a I baixo no sentido de aler- I tar

o comércio desta pra- I ça quanto a um inde- I vido do meu nome , por I *indivíduos inescrupulosos*. II Minha declaração não foi I no sentido de querer ser I melhor do que outros, de fa- I zer-me passar por ricaço. (O Imparcial, Carta 02, grifo nosso)

Nesta mesma carta 03, se verifica ainda a ocorrência de mais cinco FTNs, que são: *Patife, os mocinhos da qualidade do individuo Gentil Bittencourt, essa besta, maquiavélico e incompetente gerente da Radio Chapecó, vulgo gerênte de araque, o covarde*. Todas elas dizem algo de caráter negativo sobre o interlocutor e conseqüentemente algo que agride a sua face. Portanto, a análise de quais motivos sociais contribuem para a ocorrência deste fenômeno, na década de 50, na amostra, é de extrema relevância e será apresentada no próximo tópico.

Porém, percebe-se que, nas FTNs consagradas a função, predominante foi a alocutiva, que apresenta uma informação pressuposta, se resumindo em chamar a atenção, alternar o interlocutor ou manter o contato, como é visível no exemplo abaixo:

E meu voto, I *senhor Diretor*, foi pela constitucionalidade do I projeto de lei disposto sobre o PLANO DE I OBRAS E EQUIPAMENTOS. (O Imparcial, Carta 02, grifo nosso)

Desse modo, após essa análise é importante verificarmos que fatores extralinguísticos fizeram com que os Chapecoenses, autores das cartas deste *corpus*, escolhessem 28 FTNs designativas, não codificadas, com função predicativa de valor negativo. Verificar quem foram os autores, qual sua função social, qual era o sexo/ gênero dos mesmos e que tipo de relação de poder ou solidariedade existia entre eles, é essencial para que se esclareçam os motivos que os fizeram usar insultos explicitamente nos veículos de comunicação.

### **3.3 Fatores extralinguísticos (sociais e estilísticos) que conduzem a escolha das FTNs utilizadas nas cartas de leitores.**

A carta de leitor é uma grande revolução na democracia, porque ser cidadão, segundo as palavras de Torres (2008, p.272), vai muito além do poder de voto no processo eleitoral. Já que este processo é uma discussão de interesses de um leitor em comum com o restante de uma nação. “Como refere Thorton (1996), as cartas dos leitores refletem as ideias da população em geral, sobretudo daqueles que têm educação suficiente para se sentirem confortáveis em expressar-se através da escrita.” (TORRES, 2008, p.272)

Por meio das cartas de leitores, como cita Torres, “os leitores têm voz sobre os mais diversos temas, constituindo-se como um dos lugares do jornal onde o cidadão tem a

oportunidade de se expressar.” (TORRES, 2008, p.263). Neste enfoque, elas objetivam como expõe Peterson (2010), opinar, reclamar, solicitar e fazer pedidos sobre assuntos de interesse nacional que circularam na sociedade e conseqüentemente no meio de comunicação jornalística.

Estes propósitos, nas cartas de leitores do *corpus*, estão mesclados, somente em três cartas eles configuram-se apenas em informar. Dessa maneira, se percebe que a ocorrência das FTNs se concentra nas cartas que objetivam informar, alertar, recomendar, ameaçar, reclamar, denunciar, pedir ajuda, esclarecer e retratar fatos na comunidade social de abrangência do veículo de comunicação.

No entanto, a análise revela que, das 11 cartas do veículo comunicativo A voz do Chapecó, nas três que visam em termos de propósito, informar, não ocorreram FTNs. No jornal O Imparcial, das 4 cartas, as duas que não apresentam FTNs têm como propósito solicitar, reclamar e esclarecer; mesmo propósito das outras 2 cartas do veículo citado anteriormente.

Com estes dados podemos perceber que quanto mais próximas forem as relações sociais, entre locutor e destinatários, maior será o uso de FTNs. Pois, as cartas, com o objetivo apenas de informar, eram destinadas ao público em geral para comunicar algo referente às empresas e nestas não ocorriam FTNs. Quando ocorreram relação de caráter profissional ou em um caso de grau de parentesco as FTNs designativas são encontradas.

Dessa maneira, detalharemos, a seguir, que tipos de relações sociais que se estabeleciam entre remetentes e destinatários das cartas de leitor de ambos os jornais, em que ocorreu o uso de FTNs não codificadas designativas e consagradas, para que seja observada a relação entre a escolha das FTNs utilizadas e as relações sociais.

<b>Função social dos interlocutores das cartas de leitores sem ocorrência de FTNs</b>				
<i>Jornal</i>	<i>Carta</i>	<i>Remetentes</i>	<i>Destinatários</i>	
A voz do Chapecó	03		Autoridades que emitem atestados de pobreza	
A voz do Chapecó	05	Instituto Nacional do Pinho	Delegacias Regionais	

**Quadro 8:** Função social de interlocutores das cartas de leitores sem ocorrência de FTNs  
Fonte: elaborado pela autora.

<b>Função social dos interlocutores das cartas de leitores com ocorrência de FTNs</b>				
<i>Jornal</i>	<i>Carta</i>	<i>Remetentes</i>	<i>Destinatários</i>	
<i>O imparcial</i>	01	Autor de boletins e propagandas	Adversários políticos do prefeito de Xaxim	
<i>O imparcial</i>	02	Dep. Estadual José Miranda Ramos	Diretor do Jornal	
<i>O imparcial</i>	03	Proprietário de escritórios	Gerente da Rádio Chapecó	
<i>O imparcial</i>	04	Leitores	Diretor do jornal	
A voz do	01	Superintendente das Empresas	A quem possa interessar	

Chapecó		Incorporadas ao Patrimônio Nacional	
A voz do Chapecó	02	Uma Mãe	Outra Mãe
A voz do Chapecó	04	Dr. Darci de Camargo Médico Chefe e Guarda Sanitário	Leitores do município de Chapecó
A voz do Chapecó	06	Grupo de cidadãos de Dionísio Cerqueira	Leitores em geral
A voz do Chapecó	07	Darci de Camargo- Chefe do Posto de Saúde	Diretor do Jornal
A voz do Chapecó	08	Um Leitor	Polícia e Diretor do Jornal
A voz do Chapecó	09	José Fagundes Agricultor	Diretor do jornal e Autoridades a quem o caso compete
A voz do Chapecó	10	S. Ruas cidadão de Dionísio Cerqueira	Leitores em geral
A voz do Chapecó	11	José Miranda Ramos- Delegado da Zona	Leitores em geral

**Quadro 9:** Função social de interlocutores das cartas de leitores sem ocorrência de FTNs

Fonte: elaborado pela autora.

Na maioria das vezes, percebeu-se que os remetentes eram pessoas alfabetizadas, com exceção do caso da carta de leitor número 9 do jornal A Voz do Chapecó, em que Osvaldo Machado explica ao final da carta que o remetente José Fagundes não sabe escrever e por isso, quem escreve é ele.

As cartas de leitores são utilizadas para informar, fazer pedidos ou reclamações; independente de seu papel social, como ocorre na carta nº 9, na qual *José Fagundes*, que exerce a profissão de agricultor, dita a carta escrita por Osvaldo Machado endereçada para as autoridades competentes exigindo esclarecimentos sobre o desaparecimento de seu filho preso.

Portanto, é válido verificar qual o tipo de interação entre os participantes do ato comunicativo na amostra pesquisada. Há dois tipos de interação entre locutor e interlocutor, segundo Barcia (2006), com base nas teorias de Briz (2004, p. 80-2), são elas as interpessoais e transacionais.

Neste enfoque, as cartas de leitores da amostra pesquisada classificam-se em sua maioria como transacionais, pois tinham como objetivo questões de interesse público e seus destinatários incluíam adversários políticos da região entre outros, como podem ser observados no quadro 10.

Barcia (2006, p. 86) enfatiza ainda que, em toda interação verbal, estão presentes as dimensões sociais do poder e da solidariedade. Essas duas dimensões ajudam na escolha das formas de tratamento utilizadas nas relações sociais.

*O poder* é concebido, psicológica e socialmente, como o eixo vertical das relações sociais assimétricas ascendentes ou descendentes, e a *solidariedade*, por outro lado,



é compreendida como o eixo horizontal das relações sociais (relações simétricas igualitárias). (grifo do autor)

Assim para analisarmos, neste artigo, a relação de poder e solidariedade impostas nas cartas da amostra foram observadas as relações simétricas e assimétricas entre remetente e destinatário das cartas de leitores, como pode ser observado no quadro 10:

Jornal	Nº da carta e título	Remetente	Destinatário	Tipo de relação	FTNs não codificadas utilizadas
O Imparcial	01 Covardes	Autor de boletins e propagandas	Adversários políticos do prefeito de Xaxim	assimétrica	Apatacados, senhores feudais de Xaxim, maquiavélicos adversários políticos de Zambernedetti, os políticos apatacados, aos “apatacados” de Xaxim, covardes.
O Imparcial	02 Atitude de um patife	Proprietário de escritórios	Gerente da Rádio Chapecó	Relação assimétrica	Patife, os mocinhos da qualidade do individuo Gentil Bittencourt, essa besta, indivíduos inescrupulosos, maquiavélico e incompetente gerente da Radio Chapecó, vulgo gerente de araque, o covarde.
A Voz do Chapecó	03 Carta de uma a outra mãe	Uma mãe	Sogra do filho	Relação simétrica	Essas duas creaturinhas, Noivinha de meu filho.
A Voz do Chapecó	04 Combate ao Charlatanismo	Chefe posto de saúde	Usuários dos serviços de saúde	Assimétrica: superior para inferior	Charlatães.
A Voz do Chapecó	05 Uma carta	Chefe posto de saúde	Usuários dos serviços de saúde	Assimétrica: superior para inferior	Indivíduos meãos, charlatão, os charlatães.
A Voz do Chapecó	06 Com a Policia	Leitor	Polícia	Assimétrica: Inferior para superior	Mocinhos engraçadinhos, engraçadinhos, taes graçolas de mau gosto.
A Voz do Chapecó	07 A pedidos uma carta	Um pai de um cidadão desaparecido	Autoridades competentes	Assimétrica: Inferior para superior	Dito inspetor, Dita moça, Dito homem da lei.
A Voz do Chapecó	08 Esclarecimento necessario	Leitor	Leitores	Simétrica	Dos politiquinhos locais.
A Voz do Chapecó	09 Partido Trabalhista Brasileiro	Delegado da zona	Leitores	Assimétrica	Indivíduos inescrupulosos, os aproveitadores e confusionistas.

**Quadro 10:** Relações de poder e solidariedade nas cartas de leitores

Fonte: elaborado pela autora.

Em sete (07) das nove cartas de leitores apresentadas, as relações existentes são assimétricas. Em apenas duas (02) há relações simétricas. Nas cartas em que existem relações simétricas, as FTNS que foram utilizadas são respectivamente: *Essas duas creaturinhas, Noivinha de meu filho e dos politiquinhos locaes*. Logo, percebe-se a predominância de termos no diminutivo.

No entanto, nas outras cartas em que a relação era assimétrica, os termos pejorativos podem ser explicados pelo que cita Rumeu (2004, p. 101) “o exercício do poder conduz a uma assimetria nas relações interpessoais que, por sua vez, acarreta uma assimetria no tratamento entre os falantes”. Conclui-se que as FTNs utilizadas decorrem dessa relação hierárquica entre os atores do ato comunicativo.

Quanto ao sexo dos autores do corpus, somente em uma carta a autora era mulher, embora tenhamos coletado uma amostra aleatória. Porém, isso pode levar à conclusão de que na década de 50 as mulheres ainda estavam conquistando direitos, como o poder de opinar na política. A mulher, portanto, ainda era associada à figura de protetora do lar, era ela quem organizava e cuidava da organização da casa e dos filhos. A figura masculina, na época, dominava todos os setores sociais, sendo a família patriarcal. Como afirma Lakoff (2010, p14), a sociedade e principalmente o sexo masculino ainda oprime o sexo feminino linguisticamente classificando-as na realização de duas funções: “[...] funções subservientes: aquela de objeto sexual, ou serviçal”

Observamos, na carta de leitor, a seguir, que a remetente esclarece a sua destinatária o modelo de mulher que sua filha precisará ser ao se casar com um militar, para que a carreira do marido não seja prejudicada e que não prejudique a vida financeira dos dois. Portanto, a mulher ideal para a sociedade da época era, e ainda hoje é, a delicada.

Isto facilita a tarefa que sempre me impuz de alertar a *jovem I* que *P. J.* viesse a esco-I lher, para que ela para I o futuro não se sentisse de-I siludida em seu sonho de I moça e para que a sua I ignorancia sobre a vida I de uma mulher de um I militar não venha a pre-I judicar a carreira de seu I marido. II *P. J.* como soldado está I cingindo a um ordenado I fixo e sem margem a lu-I cros extraordinarios. II De antemão a *C.* saberá I com o que poderá con-I tar depois de casada. Eu I penso que de uma certa I maneira é isso uma van-I tagem que leva a moça I que não se casa com um I civil: ela sabe o que terá I sempre. Mas, é relativa- I mente pouco e a *C.* terá I que ser uma moça equili- I brada e simples. (A Voz do Chapecó, Carta 02, grifo nosso)

Sendo assim, o tema desta carta que mostra uma mãe tentando proteger o futuro de seu filho confirma a função social da mulher, na época, que se restringia a reprodução, realização

de tarefas domésticas, zelo pelos filhos e marido. Naquele momento histórico, era comum o uso de jornais para a comunicação entre amigos e parentes. Dessa maneira, a publicação da carta 02 no jornal *A Voz do Chapecó* ocorreu pelo fato de ser uma forma de comunicação entre duas famílias, pois socialmente, em outros assuntos, a mulher não havia conquistado espaço para opinar, sendo oprimida.

Depois de descrever quem eram remetentes e destinatários das cartas de leitores do corpus aleatório, acrescenta-se, a seguir, no que tange aspectos da comunidade sociolinguística, aspectos históricos de Chapecó na década de 50. Com isso pretende-se investigar os possíveis acontecimentos histórico-culturais que contribuíram na escolha das FTNs não-codificadas.

### **3.3.1 Chapecó década de 50: um momento delicado**

A história de Chapecó, nas décadas de 40 e 50, contribuiu, de forma muito significativa, para desvendar os motivos que fizeram com que os cidadãos chapecoenses e dos municípios vizinhos publicassem em suas cartas FTNs designativas com valor negativo.

O poder de dominação de Chapecó era de colonizadores e madeireiros até o ano 50. Serafim Bertaso era o colonizador com maior influência entre a população, o Partido Social Democrático (PSD) se mantinha no poder, representando esta elite. Nas eleições de 50 o PSD foi derrotado pela coligação que englobava os seguintes partidos: “Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), União Democrática Nacional (UND) e pelo Partido Progressista (PSP)” (HASS, 2003, p. 43). Ainda, segundo Hass, a igreja católica também se caracterizava como uma entidade que influenciou na formação de valores da população, já que, com tanto trabalho, os colonizadores buscavam, na religião, uma futura recompensa por tanto sofrimento.

A disputa pelo poder na cidade gerava muitos confrontos políticos que se agravaram em 1950. Vários incêndios criminais foram realizados por motivações políticas, antes desta data. Porém, nenhum deles indignou tanto a população quanto o incêndio da igreja católica em 04 de outubro de 1950. Conforme Lorenset, (2011, p. 25), o desejo da população era que o município passasse de uma pequena vila a uma cidade moderna, já que o local era visto, na época, como sertão em contraposição ao litoral catarinense. Sendo assim, a igreja era o bem material mais precioso para os chapecoenses, por isso, perdê-la foi motivo de indignação e revolta como expõe Hirsh (2005):

Dia 3 de outubro [de 1950] realizam-se as leis. Em 04 de outubro os sinos se calam: a igreja é incendiada. A vila, incrédula, assiste o fogo lambem as paredes do templo que eles levantaram com tanto amor. [...] A população chora. [...] Comentam que havia hóstias no altar. [...] E ali, *naquele momento começa a indignação de um povo tradicionalmente pacato e trabalhador*, mas acima de tudo religioso e fanático. ( p. 79, grifo nosso)

Hass (2003) relata que imediatamente, após o incêndio, a cidade procurou saber quem eram os culpados e dois forasteiros (Ruani e Paim) foram acusados. Estes confessaram o crime sob tortura, do delegado e de seus aliados. No entanto, Armando Lima também foi acusado injustamente pelos mentores do crime e sofreu tortura para confessar. Dias após, Ruani e Paim confessarem que premeditaram o crime sem a ajuda de Lima, que tinha agora seu irmão, que havia vindo defendê-lo, preso também.

Para um povo que tinha a igreja como consolo ao seu sofrimento, queimá-la foi brutal. Então, a indignação, a revolta e o desejo de vingança da população alimentou-se, segundo Hass (2003), primeiramente pelos discursos do padre Roberto que, em seu sermão, afirmou: “quem queimou a igreja tem que ser queimado, que nem as imagens dos santos na igreja foram” (p. 75). O que o padre falava era lei, consequência da grande devoção dos chapecoenses ao catolicismo.

O delegado com medo de ser exonerado do cargo por cometer tortura, ignorou os inocentes irmãos Lima e ordenou a seus aliados que organizassem um motim para matar os culpados e assim eliminar as provas de seus abusos autoritários. Para livrar-se da responsabilidade do crime o delegado planejou o ato para aparentar ser um linchamento.

Impulsionada pelos valores mais preciosos da população, a religião e o trabalho, a revolta foi crescendo sob o patrocínio do discurso do padre, do incentivo do delegado e da inoperância do juiz, alcançando seu ápice quando o povo soube da transferência dos presos. (HASS, 2003, p. 99)

Hass (2003) enfatiza que na noite de 17 de outubro de 1950, a população é avisada que os suspeitos serão transferidos para a cadeia de Joaçaba. Então, aproximadamente 200 homens se deslocam até a cadeia cercado-a; logo após, um grupo de seis ou sete homens invadem o local, matam os quatro prisioneiros com tiros e golpes de facão. Em seguida, arrastam os corpos mutilados ao fundo do pátio e queimam-nos.

A cidade toda estava sabendo dos boatos do linchamento, estes inclusive chegaram as autoridades responsáveis. Houve omissão dessa informação e simplesmente ninguém tomou atitudes para impedir. Os interesses dos mandantes tinham que ser executados, por isso, na

cena do crime, os assassinos desconsideraram o aviso dos guardas da inocência dos irmãos Lima. A população ficou em choque com a barbárie de 1950.

“A brutalidade com que se cometeu um linchamento em Chapecó no ano de 1950 é um exemplo que nos ajuda a compreender este processo que se dá no urbano e que de modo algum se pôs fora de modelo de educação e de mando a que se aspirava” (LORENSET, 2011, p. 29).

A lei predominante era a que beneficiava os grupos manipuladores da cidade. O processo do linchamento, como já exposto, foi apenas um reflexo da organização da cidade e do comportamento das autoridades da cidade que pensavam apenas no benefício próprio.

Por isso, neste contexto de conflitos, como afirma o autor, viver não era simples. Esse momento implicava superação ou dominação. Para que a superação fosse realizada, eram utilizadas diversas maneiras que incluíam “força física, a comunhão com a igreja, ou com os partidos políticos, e a formação nas escolas” (LORENSET, 2011, p. 30). Esquecer o horror do linchamento era o ideal para que o sertão voltasse a ter perspectivas de desenvolvimento.

Contudo, a tarefa não era fácil Hass (2003) expõe que “A cidade levou mais de um ano para voltar ao seu ritmo normal” (2003, p. 127) depois do evento traumático. O linchamento foi noticiado em todo o Brasil inclusive na imprensa internacional, sendo que o sentimento, em geral, foi de indignação.

A imprensa, em geral, utilizava-se de seu poder de divulgação para “[...] influir na opinião pública da comunidade, [...] atacando seus adversários políticos e se projetando favoravelmente na localidade” (HASS, 1977, 161). Ela era uma ferramenta dos partidos políticos, para ganhar as lutas pelo poder. Hass (2003) define que o PSD possui maior influência na imprensa por meio do jornal *A voz do Chapecó* e da Rádio Sociedade Oeste Catarinense, enquanto UND e PTB utilizavam-se do veículo *O Imparcial* e anteriormente *Jornal do Povo*.

Com base nestas informações, podemos concluir que o uso de insultos nas cartas de leitores do jornal *O imparcial* e *A Voz do Chapecó* era um reflexo da conduta social de chapecoenses naquela década. Esta conduta influenciada pelos acontecimentos e principalmente pela indignação da população quanto ao linchamento. Visto que o Código Penal Brasileiro, criado pelo Decreto - lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, adverte sobre a ofensa à imagem social de outra pessoa. Especificamente, o artigo *Art. 139* expõe: “Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação: *Pena* - detenção, de 3 (três) meses a 1

(um) ano, e multa” já vigorava a 10 anos, sendo este artigo provavelmente conhecido pelos chapecoenses.

Vale salientar que as cartas do corpus do veículo de comunicação *A voz do Chapecó* estão datadas entre 08 de janeiro de 1850 e 04 de junho do mesmo ano. Sendo assim, as mesmas foram publicadas antes do linchamento, todavia não deixam de estar inseridas em um contexto onde prevaleciam “[...] atritos e lutas políticas [...], diante dos diferentes interesses de grupos em choque pela afirmação do espaço de dominação local” (HASS, 2003, p.42-3) para os quais eram usados vários métodos para se manter no poder, sendo eles lícitos ou ilícitos. Pode-se observar os conflitos políticos na carta abaixo:

A PEDIDOS II PARTIDO TRABALHIS- I TA BRASILEIROII Zona nº 1 do Estado de Santa Catarina II Tendo chegado ao nosso conhecimento que I *individuos inextruculosos e aproveitadores* estão I tentando organizar sub- diretórios do Partido Tra-Ibalhista Brasileironeste Municipio de Chapecó, I sem que para tal estejam devidamente autorizados: (A Voz do Chapecó, Carta 09, grifo nosso)

Enquanto, o jornal “O Imparcial” foi fundado em 25 de fevereiro de 1951, logo após o linchamento ter ocorrido, as cartas, datam entre 11 de dezembro de 1955 a 04 de março de 1956, anos depois do linchamento, no entanto ainda é possível perceber a presença das divergências políticas em Chapecó e também em outros municípios que foram desmembrados dele, por meio das cartas.

Entretanto, *adversários políticos do I snr. Zambenedetti*, que de modo algum I não chegam aos pés em caráter e prestígio I junto á população, valendo-se do dinheiro I e dos apaniguados servís de que dispõem, I tudo vem fazendo as tentstiva vã de *som-I brear o prestígio político do snr. Zambene- I detti*, lançando mão dos mais sórdi- I dos, próprios do quilate rasteiro e mesqui- I nho dos ditos “apatacados”. (O Imparcial, Carta 01, grifo nosso)

Todavia, como cita Hass (2003, p. 159), “Fato curioso é que dentre os exemplares do jornal “A voz do Chapecó”, arquivados na biblioteca pública do município, não foram localizadas as edições correspondentes aos dias que foram noticiados os acontecimentos em torno do linchamento.” Hass esclarece que existem exemplares destas datas em Florianópolis, na Biblioteca Pública Estadual, o que caracteriza uma tentativa de apagamento do fato ocorrido em Chapecó.

Por muito tempo ninguém queria morar na cidade, por isso as agroindústrias foram um método usado para atrair novos moradores. Em 1950 ocorreu a formação das primeiras agroindústrias - a Indústria e Comércio Chapecó (Saic) foi uma das primeiras – vários imigrantes foram atraídos pela oferta de emprego aumentando a população que era de 44.237

habitantes para 96.624 habitantes em 1950. Esse querer apagar o fato do linchamento devesse a este fator, mas também ao medo da população, pois tinham muitos conhecidos envolvidos.

Nessa situação de medo e revolta vivida, pelos chapecoenses, na década de 50, a polidez linguística não se concretizou nas cartas de leitores. O que fica visivelmente perceptível, segundo pressupostos de Brown e Levison, eram os atos de ameaça a face positiva dos destinatários das cartas, por meio de críticas e insultos que incluíam as FTNs negativas.

#### **4 Considerações finais**

Apresentaram-se aqui as FTNs utilizadas na amostra de “cartas de leitores” de jornais, da década de 50 do século XX, do município de Chapecó. Identificaram-se 28 formas de tratamento não codificadas e estas foram alvo de nossos estudos. Entre as FTNs não codificadas utilizadas encontram-se o uso no diminutivo e do termo *dito*, confirmando assim a presença de formas pejorativas e ofensas aos destinatários das cartas.

Quanto a suas funções observou-se que afirmar algo sobre o interlocutor (modalidade predicativa) foi à função que predominou. Logo, o uso de FTNs de caráter pejorativos era muito grande em nosso corpus e isso levou-nos a investigar por que motivo este fato ocorreu.

Averiguando os fatores extralinguísticos (sociais e estilísticos) que conduziram a escolha das FTNs utilizadas nas cartas de leitores, percebeu-se que a ocorrência do linchamento em 1950, influenciou a conduta dos habitantes, que abalados pelo crime e pelo contexto de conflitos políticos em busca do poder alteraram a configuração de um povo pacato e trabalhador para um povo revoltado com as injustiças sociais que ocorriam e que convivia contantemente com os embates políticos.

Desta maneira, sugerimos que o uso do termo *dito* e as FTNs no diminutivo podem ser explorados em trabalhos posteriores, constituindo-se instrumentos para pesquisas futuras, já que o trabalho abrangia todas as FTNs usadas no *corpus* não houve detalhamento deste item em função da extensão do trabalho e do tempo de realização do mesmo.

#### **REFERÊNCIAS**

ALBA, R. S. Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.

BARCIA, Lucia Rosado. *As Formas de Tratamento em Cartas de Leitores*

*Oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006, 142 fl. Mimeo.

BARROS, L.P.D. A comunicação humana. In: FIORIN, L. J. (org.). *Introdução à Lingüística*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.25-54.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, L. J. (org.). *Introdução à Lingüística*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.121-140.

BRASIL. *Lei nº 2.848*, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm)>. Acesso em: 4 abr. 2014.

CUNHA, E. C. *Estratégias de polidez na interação em aulas chat*. Recife: O autor, 2009. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2009/teses/tese-eva-cunha.pdf>> Acesso em: 03 abr. 2014.

CUNHA, C. ; LINDLEY CINTRA, L.F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, Luiz José. (org.). *Introdução à Lingüística*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.141-164.

GIAUFRET, A. De Mário a Otário: As formas de tratamento nominais - modelos de função alocutiva ou predicativa? In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. S. *As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais = Las formas de tratamiento en español y en portugués variación, cambio y funciones conversacionales*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. Cap. 2. p.45-58. Tradução de: Janaína França e Márcia Atálla Pietroluongo.

HASS, M. O linchamento que muitos querem esquecer. Chapecó: Argos, 2003.

HIRSH, A. *Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó*. Chapecó: Argos, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Modelos de variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em francês. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. S. *As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais = Las formas de tratamiento en español y en portugués variación, cambio y funciones conversacionales*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. Cap. 2. p.45-58. Tradução de: Janaína França e Márcia Atálla Pietroluongo.

LABOV, W. (1976). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. In: FONTANA, Beatriz; OSTERMANN, Cristina Ana. *Language*. (org.). *Gênero. Sexualidade: Clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



LORENSET, O. *Em nome de Deus e da elite: dispositivos disciplinares para a distinção no grupo escolar Bom Pastor*. 2011. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Santa Catarina. Disponível em: <[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/151/odimar\\_lorenset.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/odimar_lorenset.pdf)> Acesso em: 01 set 2014.

MOREIRA, J. C. *O vocativo no português brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudanças linguísticas*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp081949.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2014.

MOREIRA, J. C. *O vocativo na interface sintaxe-pragmática*. 2013. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

OLIVEIRA DE PEREZ, T. Polidez e linguagens: perspectivas. In: \_\_\_\_\_. *A manifestação da polidez nas orações condicionais do português do Brasil*. v.16, n.2. São Paulo: Signótica, 2004. p. 271-288. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/3746/3508>> Acesso em: 15 mar. 2014.

RUMEU, M.C.B. *A implementação do 'Voce' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um estudo de painel*. 2008. Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Disponível em: < [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp087877.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp087877.pdf)> Acesso em: 01 set 2014.

PETERSON, M. S. *A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da sociolinguística variacionista*. 2010. Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas.

TORRES, M. *As cartas dos leitores no Público e no Diário de Notícias*, FCSH - Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2008.

WAGNER, A. E... *Chapécó Levantou vôo*. Florianópolis: De Letras, 2005.  
<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/12-lopes.pdf>

**RESUMEN:** Este artículo describe y analiza las formas de tratamiento nominal (FTNs) utilizadas en una muestra aleatoria de 15 cartas de lectores, de la ciudad de Chapecó, publicadas en la década de 50 del siglo XX. Once son del periódico *A voz do Chapecó* y cuatro del periódico *O Imparcial*. La muestra investigada de las cartas de lectores forma parte de un proyecto nombrado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. Los cuestionamientos que debemos aclarar son: (i) ¿Cuáles formas de tratamiento nominales fueron utilizadas en las cartas de lectores?; (ii) ¿Cuál la función de las formas de tratamiento?; (iii) ¿Estas formas contribuyeron para la aproximación o distanciamiento de los interlocutores?; (iv) ¿Cuáles son los factores socioculturales que interfieren en el uso de las formas de tratamiento nominales? Para responder a esos cuestionamientos preliminares, utilizamos los presupuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística Variacionista y de la teoría de la Cortesía Verbal. Así, empezamos exponiendo la definición y clasificación de las FTNs, luego presentamos la teoría de la Variación y Cambio Lingüístico. Después, detallamos la teoría de la Cortesía Verbal. Fueron identificadas 140 FTNs, divididas en 28 no codificadas y 122 consagradas. En las FTNs no codificadas la función encontrada fue la predicativa, mientras en las consagradas era la apelativa o referencial. Por lo tanto, las FTNs escogidas por los autores de las cartas eran no codificadas de carácter peyorativo que ofendían a su destinatario y consecuentemente causaban distanciamiento entre los interlocutores. Se observó que el recurso de cortesía verbal en el empleo de las FTN(s) fue poco recurrente, lo que puede ser atribuido al momento histórico de los conflictos políticos que ocurrieron en Chapecó en la década de 50.

**PALABRAS-CLAVES:** Sociolingüística; Formas de Tratamiento Nominales; Cortesía Verbal.